

**KIERKEGAARD, IRONIA E NIILISMO: ALGUMAS REFLEXÕES A PARTIR DE O CONCEITO DE IRONIA<sup>1</sup>**

[KIERKEGAARD, IRONY, AND NIHILISM: REFLECTIONS BASED ON THE CONCEPT OF IRONY]

Marcio Gimenes de Paula  
[marciogimenes@unb.br](mailto:marciogimenes@unb.br)  
<https://orcid.org/0000-0002-5991-5710>

*Possui graduação em filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (1999), graduação em teologia pelo Seminário Teológico Presbiteriano Independente (1994), mestrado em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (2002) e doutorado em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (2005). Atualmente é professor associado do departamento de Filosofia da Universidade de Brasília, membro colaborador e pesquisador do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa (integrado em projeto de investigação sobre Filosofia da Ação e Valores e em projeto de tradução das obras de Kierkegaard), membro da SOBRESKI (Sociedade Brasileira de Estudos de Kierkegaard), da Associação Brasileira de Filosofia da Religião, do GT de Filosofia da Religião da ANPOF, do Grupo de Filosofia da Religião da UnB, do Grupo de pesquisa sobre a obra de Kierkegaard da UNISINOS, do Grupo Crítica e Modernidade da UNICAMP, do Grupo de Pesquisa de Ética e Política da UnB, do Grupo Crítica e Subjetividade da UFES, da Sociedade Feuerbach Internacional e do Centro de Investigação Professor Doutor Joaquim Veríssimo Serrão. Suas pesquisas versam sobre Filosofia da Religião, Ética, Kierkegaard e cristianismo.*

DOI: [10.25244/tf.v16i2.6721](https://doi.org/10.25244/tf.v16i2.6721)

Recebido em: 8 de setembro de 2024. Aprovado em: 10 de setembro de 2024

---

<sup>1</sup> Trabalho originalmente apresentado na X Semana de Filosofia do Campus Caicó da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN), ocorrido entre os dias 09 e 13 de setembro de 2024. Meu agradecimento ao colega Marcos Érico de Araújo Silva pelo gentil convite para tomar parte no evento.



**Resumo:** Em 1841, o jovem filósofo dinamarquês Kierkegaard, então com menos de 30 anos, escreveu sua dissertação intitulada *O Conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*. Ali, o pensador nos brinda, na primeira parte da obra, com a ironia socrática, valendo-se especialmente das interpretações antigas como as de Xenofonte, Platão, Aristófanes, bem como de referências historiográficas como Diógenes Laércio, Hegel, Schleiermacher e outros pensadores das questões socráticas. Na segunda parte da obra, o autor dedica-se a melhor elucidar o vínculo entre a ironia socrática e o niilismo, tal como se pode perceber em alguns dos escritores românticos e ali forja o conceito kierkegaardiano de *ironia dominada*, que será fundamental para sua interpretação sobre ironia, niilismo e dúvida. Desse modo, o intuito do artigo será abordar a ironia e o niilismo em Kierkegaard tendo em vista a presente obra e algumas de suas repercussões.

**Palavras-chave:** Kierkegaard. Sócrates. Ironia. Filosofia Antiga. Romantismo.

**Abstract:** In 1841, the young Danish philosopher Kierkegaard, then under 30 years old, wrote his thesis entitled *The Concept of Irony With Continual Reference to Socrates*. In the first part of the work, the thinker presents us with Socratic irony, drawing especially on ancient interpretations such as those of Xenophon, Plato, and Aristophanes, as well as historiographical references such as Diogenes Laertius, Hegel, Schleiermacher, and other thinkers on Socratic issues. In the second part of the work, the author dedicates himself to better elucidating the link between Socratic irony and nihilism, as can be seen in some of the Romantic writers, and there he forges Kierkegaard's *concept of dominated irony*, which will be fundamental to his interpretation of irony, nihilism, and doubt. Thus, the aim of this article will be to address irony and nihilism in Kierkegaard in view of the present work and some of its repercussions.

**Keywords:** Kierkegaard. Socrates. Irony. Ancient Philosophy. Romanticism.

*Ao Professor Álvaro Valls que, nos idos de 1991, traduziu para o português essa célebre obra, dando início ao cumprimento de uma tarefa de tornar Kierkegaard lido em língua portuguesa. Nosso muito obrigado, mestre!*

## À GUIA DE INTRODUÇÃO

A obra *O Conceito de ironia* divide-se em duas partes. Na verdade, as duas partes são antecedidas pela apresentação de quinze teses, como era praxe nos trabalhos acadêmicos da universidade dinamarquesa do período. A sexta tese afirma: “Sócrates não somente usou da ironia, mas dedicou-se de tal maneira à ironia que acabou sucumbindo a ela” (Kierkegaard, 1991, p. 19). Aqui já aparece um aspecto que merece nossa atenção: a ironia pode, dependendo do grau em que é usada, levar a um tipo de destruição (e de autodestruição). Tal pista aparece claramente na segunda parte da obra em questão, onde se percebe um elogio ao humor, como algo mais construtivo, e também onde o autor finaliza defendendo o conceito de *ironia dominada* (ou controlada) que, legitimamente, poderíamos nos perguntar se não consistiria, na realidade, em um dado tipo de humor.

Ainda entre as quinze teses, outras duas merecem nosso destaque, a saber, a nona e a décima-quinta. Pela ordem: “Sócrates foi o primeiro a introduzir a ironia” (Kierkegaard, 1991, p. 19) e “Como toda a filosofia inicia pela dúvida, assim também inicia pela ironia toda vida que se chamará digna do homem” (Kierkegaard, 1991, p. 19). Que Sócrates parece ser o introdutor da ironia pode-se constatar nos livros de iniciação à Filosofia e nas boas referências, sobretudo acerca da filosofia socrática e da filosofia antiga. Já na décima-quinta tese merece destaque a equivalência de que a filosofia inicia pela dúvida, assim como a vida humana possui o seu início na ironia. O instigante parece ser notar que a ironia é, então, o ponto de partida da vida. Não se trata de um objetivo ou meta onde se almeja chegar propriamente mas, quem sabe, de uma atitude filosófica (ou ponto de vista, como gostava de sublinhar Kierkegaard) em relação a própria vida e que, tal como a dúvida o é para a filosofia, a ironia assim o é para a vida em geral.

Na sua apresentação da tradução brasileira de 1990, Álvaro Valls nos diz: “Por que não procurar no trabalho de 1841, antecipada como numa abreviatura, a crítica do romantismo, cuja superação a obra kierkegaardiana desenvolve?” (Valls, Apud Kierkegaard, 1991, p. 10). Mais de 30 anos depois, a aguda observação do tradutor mostra-se correta e, inclusive, inúmeros bons trabalhos sobre Kierkegaard e o romantismo e Kierkegaard e o niilismo, surgidos nos últimos anos, comprovam a exatidão da pista por ele apontada. Sem dúvida alguma podemos colocar como um bom trabalho nesse sentido a tese de doutorado de Jean dos Santos Vargas, defendida na UFMG em 2021. Ali o autor da tese assim a apresenta no seu resumo:

A presente investigação tem como objetivo pensar o tema do niilismo a partir das reflexões de Søren Kierkegaard. O grande problema filosófico do niilismo permanecia até então uma temática, senão inaudita, pelo menos bastante diletante, a julgar pelo fato de que o niilismo enquanto conceito filosófico consolida-se depois de Kierkegaard. Considerando as reflexões de Kierkegaard sobre a filosofia hegeliana e a literatura romântica, as principais reivindicações

**Kierkegaard, ironia e niilismo: algumas reflexões a partir de *O conceito de ironia***

PAULA, Márcio G.

da presente pesquisa são: Kierkegaard lida com o fenômeno do niilismo em seu contexto, mesmo antes do conceito, ao se engajar na querela entre Hegel e os Românticos alemães; Kierkegaard ora retoma os românticos, ora Hegel para construir seu próprio caminho; o filósofo nórdico lança mão das figuras niilistas, quais sejam a ironia e o tédio, para pensar o mal-estar evidenciado pelo nada moderno” (Vargas, 2021).

Jon Stewart nos chama atenção em sua obra *Søren Kierkegaard, subjetividade, ironia e crise da modernidade* para um autor que não pode ser negligenciado ao estudarmos *O Conceito de ironia* de Kierkegaard. Trata-se Paul Martin Møller. Os estudiosos de Kierkegaard se lembrarão da dedicatória que o pensador dinamarquês faz a ele em seu *O Conceito de angústia* de 1844. Ali se pode ler:

Ao falecido professor Paul Martin Møller, amante feliz do mundo grego, admirador de Homero, cúmplice de Sócrates, intérprete de Aristóteles, a alegria da Dinamarca em sua *Alegria pela Dinamarca*, mesmo tendo ‘partido para longe’ sempre ‘recordado no verão dinamarquês’- minha admiração, minha saudade, está dedicado este escrito” (Kierkegaard, 2010, p.6).

Møller, segundo Stewart, escreveu uma obra sobre o conceito de ironia antes do próprio Kierkegaard, o que o influencia na sua dissertação de mestrado e, portanto, merece ser destacado: “Pouco antes de sua morte, o próprio Møller estava desenvolvendo suas próprias ideias sobre a ironia. Em suas obras publicadas postumamente, há um rascunho do que parece ter sido planejado como um trabalho maior sobre esse tema” (Stewart, 2017, p.140). A obra, inclusive, leva o título sobre *O Conceito de ironia*<sup>2</sup>. Tal como observamos na obra kierkegaardiana sobre a ironia, os procedimentos de Møller são muito similares:

Assim como Kierkegaard, ele discute as teorias de Hegel e de Fichte e critica o uso da ironia pelos românticos para atacar a cultura burguesa moderna. Møller concluiu que a ironia dos românticos ‘necessariamente termina em uma ausência de todo conteúdo, em um niilismo moral’. As semelhanças entre a sua obra e a de Kierkegaard sugerem que a tese de mestrado de Kierkegaard pode até ter sido concebida com Møller como um tipo de orientador e, então, após a sua morte, completada para dar solução a algumas das percepções que Møller estava apenas começando a desenvolver (Stewart, 2017, pp.140-141).

Em outras palavras, parece se firmar uma equivalência entre ironia e niilismo, o que também poderemos observar, sobretudo na segunda parte de *O Conceito de ironia* de Kierkegaard.

<sup>2</sup> Møller, P.M. *Om Begrebet Ironie*. In Winther, C.; Olsen, F.C.; Thaarup, C. & Petersen, L.V. (eds.), *Efterladte Skrifter*. Vols. 1-6, Copenhagen: C.A. Reitzel, 1848-1850, vol. 3, p.152-158, esp. 154. Vide a nota 25, página 140 do trabalho de Jon Stewart, já mencionado aqui.

Assim sendo, desenvolveremos nosso trabalho do seguinte modo: primeiro abordaremos a ironia na primeira parte da obra e, num segundo momento, o tema do niilismo na segunda parte da obra. Feito isso, teceremos algumas reflexões à guisa de conclusão. Passemos, portanto, aos nossos pontos.

## **1 A IRONIA NA PRIMEIRA PARTE DE *O CONCEITO DE IRONIA***

Antes de começarmos propriamente nossa investigação sobre a primeira parte de *O Conceito de ironia*, convém observar o que nos diz Valls sobre a própria defesa da dissertação de Kierkegaard: “A ironia trabalha com o mal-entendido. A própria banca examinadora experimentou isso na carne. O orientador da tese, Prof. F.C. Sibbern, não entendeu bem a ligação da primeira com a segunda parte, enquanto outros pareceres falaram até de dois trabalhos distintos, um sobre Sócrates e outro sobre romantismo” (Valls Apud Kierkegaard, 1990, p. 11).

Tal constatação é importante para fornecer aquilo que Kierkegaard bem gostava de apontar como a “atmosfera das coisas”. Nesse mesmo sentido, constata Jon Stewart:

Hoje reconhecemos *O conceito de ironia* como um importante trabalho para a compreensão do nosso mundo moderno. Mas na época ele foi recebido com ceticismo. De fato, todos os cinco membros da banca da dissertação de Kierkegaard reclamaram que o trabalho tinha algumas falhas bem sérias, especialmente no que diz respeito ao estilo. O tom das suas declarações oficiais sobre *O conceito de ironia* soa como se eles estivessem relutantes até mesmo em aprovar o trabalho como uma tese de mestrado, e desejam que ele tivesse passado por algumas revisões (Stewart, 2017, p. 91).

Como se pode perceber numa olhadela no sumário da obra, podemos ver que a primeira parte da obra fará a avaliação da ironia em Sócrates. Para tanto, Kierkegaard se vê numa encruzilhada, pois precisará lançar mão dos relatos de Xenofonte, Platão e Aristófanes, uma vez que Sócrates, ele mesmo, nada deixou por escrito. Assim, a primeira constatação dele é notar que é possível perceber o ponto de vista de Sócrates como ironia. Em outras palavras, aqui já podemos notar uma distinção entre a tese de Kierkegaard e as concepções de Hegel e Schleiermacher, por exemplo. Para Hegel, a ironia implica numa espécie de estratégia, de astúcia e, portanto, o pensador ateniense possuía algum tipo de saber positivo, tal como aponta Kierkegaard ao interpretar o pensador alemão:

Na exposição do método de Sócrates, que Hegel fornece, tornam-se objeto de discussão especialmente duas formas do método: sua ironia e sua maiêutica. Já o lugar reservado para a ironia indica suficientemente que Hegel concebe a ironia em Sócrates mais como um momento dominado, um modo de tratar

com as pessoas, e isto é reforçado mais adiante com enunciados explícitos (Kierkegaard, 1991, p. 179)

O mesmo iremos observar na interpretação de Schleiermacher que, inclusive, avalia que Sócrates deveria ser detentor de algum tipo de saber positivo para dizer que nada sabia: “Schleiermacher chama a atenção, em um artigo<sup>3</sup>, para o fato de que quando Sócrates, a serviço do oráculo, andava por aí para mostrar ao povo que nada sabia, era impossível que ele só soubesse que não sabia nada, já que por trás disso necessariamente estava que ele sabia o que era saber” (Kierkegaard, 1991, p. 135).

A primeira interpretação avaliada por Kierkegaard é a de Xenofonte. Suas obras são principalmente duas: *A Apologia de Sócrates* (que não devemos aqui confundir com *A Apologia de Sócrates* escrita por Platão) e os assim chamados *Ditos e feitos memoráveis de Sócrates*<sup>4</sup>. Há ali uma célebre citação de Kierkegaard que prova o quanto ele desconfiava da interpretação excessivamente exagerada de Xenofonte sobre a figura do filósofo ateniense:

Pois Xenofonte o defende de uma tal maneira, que Sócrates se torna não apenas inocente, mas completamente inofensivo, de modo que a gente fica profundamente assombrado, perguntando-se qual demônio teria enfeitado a tal ponto os atenienses que eles puderam ver nele mais do que um sujeito bonachão, conversador e engraçado, que não fazia mal nem bem, que não prejudicava a ninguém, e que no fundo do coração só queria bem a todo mundo, contanto que quisessem escutar a sua conversa fiada”.(Kierkegaard, 1991, p.28)

Em outras palavras, ao querer defender Sócrates incondicionalmente, Xenofonte termina por transformá-lo numa espécie de “santo”, o que tira todo o desafio da sua proposta no contexto do mundo grego de então e acaba por fazer do pensador uma espécie de homem de conversa fiada à beira de um boteco. Portanto, a dúvida passa a ser por qual motivo Atenas resolveu vingar-se de um bêbado inofensivo à beira do boteco. Qual a razão disso? Notemos que no exagero caricatural kierkegaardiano percebemos a indicação de que o ateniense deve ser bem mais desafiador do que parece ter percebido Xenofonte e que, por vezes, elogiar excessivamente alguém consiste em subtrair a sua humanidade e o desafio que ele fez ao seu tempo. É como se Xenofonte tivesse caído, ele mesmo, na teia da ironia socrática. Ele não se apercebeu de que descrever um irônico, “até parece impossível, ou então pelo menos tão trabalhoso como pintar um duende com o barrete que o torna invisível” (Kierkegaard, 1991, p.26). Kierkegaard, entretanto, percebe com extrema clareza a limitação de sua abordagem. Por isso, a segunda tese de *O Conceito de ironia* já diz claramente o que pensa sobre Xenofonte: “O Sócrates de Xenofonte

<sup>3</sup> O artigo de Schleiermacher é referenciado por Kierkegaard na nota 114, página 199, da tradução brasileira de *O Conceito de ironia*. Trata-se do artigo *Sobre o valor de Sócrates como filósofo*.

<sup>4</sup> Sirvo-me aqui das traduções apresentadas no volume *Sócrates* da coleção *Os Pensadores*. Xenofonte. *Apologia de Sócrates/Ditos e feitos memoráveis de Sócrates* (Col. “Os Pensadores”- vol. *Sócrates*), tradução de Líbero Rangel, 1ª edição, Abril Cultural, São Paulo, 1972.



contenta-se com inculcar a utilidade, jamais abandona a empiria e nunca atinge a ideia” (Kierkegaard, 1991, p. 19).

O outro autor com o qual Kierkegaard irá se deparar para a composição do seu quadro sobre a ironia socrática será Platão. Evidentemente, trata-se de um imenso autor, que ocupará boa parte das suas reflexões na primeira parte da obra. Assim, o jovem aspirante ao mestrado abordará diálogos significativos como *O Banquete*, *Protágoras*, *Fédon*, *A Apologia de Sócrates*, o livro I da *República*. Na terceira tese da dissertação há uma curiosa comparação que o autor faz entre Xenofonte e Platão: “Se se intuir uma comparação entre Xenofonte e Platão, perceber-se-á que o primeiro o rebaixou demasiadamente e o segundo o elevou demasiadamente; nenhum deles o encontrou verdadeiramente” (Kierkegaard, 1991, p. 19). A comparação é curiosa: o primeiro rebaixa excessivamente Sócrates, o segundo o idealiza excessivamente. A pergunta que fica, e não parece despropositada, é se poderia haver um intermediário entre uma posição e outra. Parece que tal posição será percebida por Kierkegaard na figura de Aristófanes, quando chega a dizer categoricamente na sétima tese: “Aristófanes chegou perto da verdade ao descrever Sócrates” (Kierkegaard, 1991, p. 19). Com efeito, o autor dinamarquês considera a descrição da comédia como a que mais consegue se aproximar da verdade da ironia socrática, o que parece muito significativo<sup>5</sup>.

O capítulo primeiro (da primeira parte) começa com a pergunta se tal concepção, isto é, a ironia socrática, seria possível. Parece curioso perceber a citação do autor sobre a ambiguidade do pensamento socrático e do seu próprio legado: “Pode-se, portanto, dizer de Sócrates que, assim como ele passou constantemente sua vida entre o ideal e a caricatura, assim também ele continua entre ambos após a morte” (Kierkegaard, 1991, p. 27). Há um pensador que Kierkegaard escolhe para seu interlocutor nessa parte. Trata-se de F.C. Baur, autor de uma obra denominada *O elemento cristão do platonismo ou Sócrates e Cristo*<sup>6</sup>. O pensador de Copenhague concorda com sua análise sobre Xenofonte, Kierkegaard o utiliza sobretudo para abordar a relação entre o socratismo e o cristianismo, como bem nos recorda Stewart: “Na época de Kierkegaard era uma prática comum comparar Sócrates e seu destino com Cristo. Ambos eram indivíduos eticamente justos, e ambos tinham sido processados legalmente e executados. Havia toda uma literatura sobre essa comparação com a qual Kierkegaard estava familiarizado” (Stewart, 2017, p.89). Nessa esteira é que podemos compreender a célebre afirmação feita por Kierkegaard no *Conceito de ironia* ao dizer que “...os sofistas recordam os fariseus...” (Kierkegaard, 1991, p. 166). Por isso, a comparação de Baur sobre Sócrates e Cristo remonta, na verdade, a relação entre paganismo e cristianismo e toma Sócrates até mesmo como uma espécie de proto-cristão:

Entre ambos logo surge uma diferença, que em muitos aspectos pode ser comparada com a famosa relação entre os evangelhos sinóticos e o de João. Assim como os evangelhos sinóticos apresentam mais aquele lado exterior da aparição de Cristo, relacionado com a ideia judaica de Messias, e o de João enfoca sobretudo a sua natureza superior, o imediatamente divino nele, assim também o Sócrates platônico tem uma significação muito mais alta e mais ideal

<sup>5</sup> Oscar Parcero Oubiña defendeu uma excelente tese exatamente afirmando a tendência do cômico total na obra kierkegaardiana.

Oubiña, O.P. *A tendencia total do cômico em Kierkegaard*, Universidade de Santiago de Compostela, 2009.

<sup>6</sup> Kierkegaard faz menção, em uma nota do final da primeira parte (nota 3, página 180 da tradução brasileira), a edição por ele utilizada de Baur:

Baur, F.C. *Das Christliche des Platonismus oder Sokrates und Christus (O elemento cristão do platonismo ou Sócrates e Cristo)*, Tübingen, 1837.

que o de Xenofonte, com o qual, no fundo, permanecemos sempre e apenas no terreno da vida prática imediata (Baur apud Kierkegaard, 1991, p.27).

Ao dissertar sobre o Sócrates platônico, Kierkegaard talvez nos forneça as pistas de por qual motivo a ironia e o niilismo – que está na segunda parte da dissertação – se aproximam. Ao avaliar o que ele denomina como método socrático, tal relação parece ficar mais evidente:

Se é correto o que desenvolvemos até aqui, então se vê que a intenção com que se pergunta pode ser dupla. Pois a gente pode perguntar com a intenção de receber uma resposta que contém a satisfação desejada de modo que quanto mais se pergunta tanto mais a resposta se torna profunda e cheia de significação; ou se pode perguntar não no interesse da resposta, mas para, através da pergunta, exaurir o conteúdo aparente, deixando atrás de si um vazio. O primeiro método pressupõe naturalmente que há uma plenitude, e o segundo que há uma vacuidade; o primeiro é o especulativo, o segundo o irônico. Era este último o método que Sócrates praticava frequentemente (Kierkegaard, 1991, p.42)

Em outras palavras, o método irônico, se levado até a sua última potência, possui, tal como a posição niilista do romantismo da segunda parte da dissertação, uma espécie de vacuidade, deixando atrás de si um enorme questionamento, uma dúvida que nunca pode ser preenchida e um sentido que nunca pode ser dado, inclusive por opção própria do pensador irônico pois, como nos recorda Kierkegaard, “Sócrates chegou à ideia da dialética, mas não possuía de jeito nenhum a dialética da ideia” (Kierkegaard, 1991, p.135). Assim, com uma linguagem do âmbito da filosofia grega, a ironia parece antecipar algumas das teses do niilismo e, por isso, a primeira parte da dissertação não pode ser tomada como um corpo estranho ou separada da reflexão que se segue na segunda parte. Pelo contrário, as duas partes formam um todo coerente. Passemos, então, para a segunda parte da nossa exposição.

## **2 O NIILISMO NA SEGUNDA PARTE DE *O CONCEITO DE IRONIA***

Jon Stewart assim apresenta a segunda parte de *O Conceito de ironia*:

A Parte II da obra de Kierkegaard se intitula simplesmente ‘O conceito de ironia’. É aqui que Kierkegaard aborda as formas modernas de ironia nos românticos. Ele analisa o pensamento dos escritores alemães Friedrich von Schlegel, Ludwig Tieck e Karl Wilhelm Ferdinand Solger. Embora a ironia socrática tenha sido tratada de forma geralmente positiva, os românticos foram



**Kierkegaard, ironia e niilismo: algumas reflexões a partir de *O conceito de ironia***

PAULA, Márcio G.

criticados por usar a ironia a serviço do relativismo ou do niilismo. O objetivo deles é simplesmente solapar a sociedade burguesa, mas não há qualquer verdade ou sentido mais profundo que eles queiram propor para substituí-la (Stewart, 2017, p. 27).

Para quem olha com alguma atenção o sumário da obra *O Conceito de ironia*, certamente irá perceber uma coisa: a segunda parte da obra é muito menor, em termos de páginas, do que a primeira. Apenas para que se tenha uma ideia da diferença, a primeira parte possui cento e sessenta notas, ao passo que a segunda parte possui apenas vinte e três notas. Ali aparece Sócrates no início como uma espécie de imagem histórico-universal da ironia, depois aparecem os românticos mencionados por Stewart e, curiosamente, quase como uma espécie de apêndice, surge a ironia dominada (ou controlada) fazendo, desse modo, a conclusão da segunda parte e, na realidade, a conclusão da própria dissertação. Igualmente devemos destacar que há um item sobre a ironia após Fichte.

Logo na introdução da segunda parte, Kierkegaard destaca a afirmação, que já havia feito na primeira parte, de que concebe a ironia como um ponto de vista em Sócrates. A questão por ele posta na dissertação é a seguinte: a ironia se esgota em Sócrates ou pode sofrer algum tipo de atualização? Aqui fica patente uma tese desenvolvida por Kierkegaard em toda a dissertação e que segue exatamente dentro do escopo da tradição pós-hegeliana, a saber, a ironia é uma forma de subjetividade: “A primeira forma é naturalmente aquela na qual a subjetividade pela primeira vez fez valer o seu direito na história universal. Aqui, temos Sócrates, quer dizer, com isso nos é assinalado onde temos que procurar o conceito em sua aparição histórica” (Kierkegaard, 1991, p. 212). Nessa mesma passagem, Kierkegaard toma a ironia como ponto de vista de uma consciência subjetiva potenciada. Igualmente é onde ele menciona que Schlegel procurou perceber a relação entre ironia e realidade<sup>7</sup>, Solger procurou perceber a relação entre ironia e estética e Tieck relacionou ironia com poesia. Curiosamente há aqui uma menção sobre a ironia em Hegel que merece todo nosso cuidado: “Finalmente a ironia encontrou aqui o seu mestre em Hegel. Enquanto a primeira forma da ironia não foi combatida, mas *acalmada* por se *ter feito justiça* à subjetividade, a segunda forma da ironia foi combatida e *aniquilada* pois, como era injustificada, só se podia *fazer justiça* a ela superando-a” (Kierkegaard, 1991, pp. 212-213). Sócrates parece estar relacionado com a primeira imagem e os românticos com a segunda. Por isso, percebemos a crítica de Hegel (e de Kierkegaard) a eles.

No início de uma parte intitulada *Observações orientadoras*, Kierkegaard inicia o parágrafo com um instigante “era uma vez”. O fato não pode passar despercebido sobretudo numa dissertação sobre ironia. Certamente soaria estranho, para qualquer banca examinadora de trabalho acadêmico, um texto com tal expressão típica dos contos de fada, mas o autor não se furta a utilizá-la. Contudo, ela a utiliza exatamente para criticar um tipo de irônico que fazia fortuna no ambiente acadêmico, o irônico *boboca*, talvez muito próximo dos atuais *lacradores* das redes sociais. Vejamos o texto:

Era uma vez uma época, e ela não está longe, em que também se podia fazer sucesso com um *bocadinho* de ironia, que compensava todas as lacunas em

<sup>7</sup> Isso ocorre especialmente em seu romance *Lucinde*, fortemente criticado por Kierkegaard na segunda parte do *Conceito de ironia*. Schlegel, F. *Lucinde*, Iluminura, São Paulo, 2019.

**Kierkegaard, ironia e niilismo: algumas reflexões a partir de *O conceito de ironia***

PAULA, Márcio G.

outros aspectos, favorecia alguém com honrarias e lhe dava a reputação de ser culto, de compreender a vida e o caracterizava ante os iniciados como membro de uma vasta franco-maçonaria espiritual. Ainda nos deparamos de vez em quando com um ou outro representante deste mundo desaparecido, que conserva esse fino sorriso, significativo, ambigüamente revelador de tanta coisa, este tom de cortêsão espiritual, com o qual ele *fez fortuna* em sua juventude e sobre o qual construiu todo o seu futuro, na esperança de ter vencido o mundo (Kierkegaard, 1991, p. 214).

Em outras palavras, o mero uso da ironia como um recurso de sobrevivência ou modo de se portar é percebido por nosso autor. Aliás, ele é sabedor do quanto a ironia pode ser utilizada como uma arma retórica e como uma linguagem: “Assim, ocorre no discurso retórico frequentemente uma figura que traz o nome de ironia; e cuja característica está em se dizer o contrário do que se pensa” (Kierkegaard, 1991, p. 215). A ironia surge como algo que serve para a autossatisfação do próprio irônico. Por isso, há todo um questionamento se ela está ligada ao desejo de comunicar ou de ocultar algo. Nesse sentido, ela se relaciona com aquilo que Kierkegaard bem denominou como *infinitude interior*, com a liberdade subjetiva. Vejamos o quanto o próprio Sócrates pode aqui ser notado se tivermos alguma perspicácia: “Mas o que, nestes casos e em outros semelhantes aparece na ironia, é a *liberdade subjetiva*, que a cada instante tem em seu poder a *possibilidade de um início*, e não se deixa constanger por relações anteriores. Há algo de sedutor em todo o início porque o sujeito ainda está livre, e é exatamente *este gozo* que o irônico ambiciona” (Kierkegaard, 1991, p. 220). Kierkegaard chega mesmo a citar um conhecido dito de um diplomata sobre a capacidade de ocultamento existente na linguagem irônica:

A concepção que um diplomata tem do mundo é irônica sob muitos aspectos, e a conhecida frase de Talleyrand, que o homem adquiriu a linguagem não para manifestar, mas para ocultar seus pensamentos, contém uma profunda ironia sobre o mundo, e combina totalmente, na perspectiva da inteligência política, com outra proposição autenticamente diplomática, *mundus vult decipi, decipiatur ergo* (o mundo quer ser enganado, logo, que seja enganado) (Kierkegaard, 1991, p. 221)

Haveria, na concepção de Kierkegaard, uma espécie de ironia executiva, que possui seu gozo em si mesma e seria mais do que um mero fingimento ou modo de se portar. Igualmente seria mais do que uma espécie de hipocrisia, visto que o irônico esconde sua brincadeira na seriedade:

O hipócrita se esforça constantemente para parecer bom, embora seja mau. A ironia, pelo contrário, situa-se num terreno metafísico, e ao irônico só interessa parecer diferente do que é realmente; de modo que, assim como o irônico esconde sua brincadeira na seriedade, sua seriedade na brincadeira (mais ou menos como os ruídos da natureza no Ceilão), assim também pode ocorrer-lhe a ideia de parecer mau, embora seja bom. Só que temos que nos lembrar que as

**Kierkegaard, ironia e niilismo: algumas reflexões a partir de *O conceito de ironia***

PAULA, Márcio G.

determinações morais são, a rigor, demasiado concretas para a ironia” (Kierkegaard, 1991, pp. 222-223).

Contudo, haveria ainda um tipo de ironia denominada por ele de teórica ou contemplativa. Com efeito, aquela ironia que se relaciona com a dúvida em seu sentido mais metafísico. Aqui, a despeito de algumas diferenças significativas, ironia e dúvida podem ter algumas semelhanças (e diferenças): “Na dúvida, o sujeito quer constantemente ir ao objeto, e o seu infortúnio está em que o objeto foge constantemente diante dele. Na ironia, o sujeito quer constantemente afastar-se do objeto, o que ele consegue ao tomar consciência a cada instante de que o objeto não tem nenhuma realidade” (Kierkegaard, 1991, p. 223). Penso que reside aqui a comparação mais efetiva entre ironia e niilismo, aparecendo claramente o tema do nada e da realidade, como bem pontua o pensador da Dinamarca: “Para a ironia, tudo se torna nada; mas o nada pode ser tomado de várias maneiras” (Kierkegaard, 1991, p. 224). Tomar o nada de várias maneiras, talvez, seja o que mais se pode perceber no niilismo dos séculos XIX e XX. Desse modo, Volpi parece ter razão em sua análise desse fenômeno: “O niilismo constitui, assim, uma situação de desnorreamento provocado pela falta de referências tradicionais, ou seja, dos valores e ideias que representavam uma resposta aos porquês e, como tais, iluminavam a caminhada humana” (Volpi, 1999, p. 8).

Numa parte intitulada *A Validade histórico-universal da ironia, a ironia de Sócrates*, o jovem estudante dinamarquês irá se debruçar em uma difícil questão: a relação entre realidade e ironia que, no seu entender, será fundamental para a articulação da crítica à ironia tal como ela era concebida pelos românticos. O fundo para compreender tal coisa implica, sem dúvida alguma, num mergulho na filosofia de Hegel e na herança pós-hegeliana. A despeito de sabermos a profundidade que a investigação da questão comporta, podemos ler ali a seguinte sentença: “para o sujeito irônico a realidade perdeu toda a sua validade, ela se tornou para ele uma forma incompleta que incomoda ou constrange por toda parte” (Kierkegaard, 1991, p. 226). Em outras palavras, a ironia é uma negatividade absoluta e uma determinação absoluta da subjetividade. Sem subjetividade não haveria nem Sócrates e nem a ironia. Entretanto, cabe notar que ainda que Kierkegaard pudesse ter reservas em relação ao que Hegel pensava sobre a ironia, ele prefere postar-se ao lado do pensador alemão na medida em que o compreende com um aliado na crítica aos românticos e na sua interpretação equivocada sobre ironia e realidade. Por isso, podemos ler tal afirmativa em sua dissertação: “Um dos maiores méritos de Hegel consiste em ter detido ou pelo menos ter tentado deter os filhos perdidos da especulação em seu caminho de perdição” (Kierkegaard, 1991, p. 230). Em outras palavras, o romantismo é um filho perdido da especulação.

Desse modo, a despeito do elogio à ironia, Kierkegaard percebe que ela consiste apenas no início e jamais no ponto de chegada: “Que alguém saiba que não sabe é o início do ficar sabendo, mas quando não se sabe mais do que isso, então é só um início. É este saber que mantém Sócrates irônico” (Kierkegaard, 1991, p.233). Com efeito, aqui percebemos a recusa de Sócrates em desenvolver uma dialética, visto que a ironia lhe bastava. Por isso, a dialética será obra de Platão, de Aristóteles, de outros pensadores. Entretanto, a ironia pode ser uma espécie de antídoto contra vários tipos de dogmatismos. Nesse escopo é que podemos entender a crítica kierkegaardiana à filosofia como alguém que procura fora de si aquilo que, na realidade, está em si: “Aconteceu com a filosofia o mesmo que com um homem que está de óculos e apesar disto procura por eles, procura diante do nariz o que está em seu nariz, e por isso nunca o encontra” (Kierkegaard, 1991, p. 235). Aqui o jovem acadêmico Kierkegaard recupera um tema que lhe é muito caro e que será constante em toda a sua obra: a ideia de tarefa. Tal palavra possui dupla

referência no seu pensamento. A primeira é socrática e podemos bem nos recordar de como Sócrates interpreta a sua filosofia enquanto uma tarefa dada a ele pela divindade. A segunda é cristã, pois todo cristão possui uma tarefa nesse mundo, uma missão. Por isso, a frase que aparece no *Conceito de ironia* parece cheia de significado e, certamente, terá inúmeros desdobramentos no decorrer da obra kierkegaardiana: “Mas a *realidade* é também, para o indivíduo, uma tarefa (*Opgave*) que quer ser realizada” (Kierkegaard, 1991, p. 241). É curioso notar o quanto Kierkegaard não nega a realidade mas, pelo contrário, tenta perceber a tarefa do indivíduo diante dela. Nesse aspecto, faz sentido a nova crítica ao romantismo, que parece negar senão toda a realidade, alguns dos seus aspectos: “O mundo rejuvenesce, mas, como Heine observou com muito espírito, rejuvenesceu tanto com o romantismo que se tornou de novo uma criancinha” (Kierkegaard, 1991, p. 261).

## À GUIA DE CONCLUSÃO: IRONIA DOMINADA E HUMOR

O último parágrafo da dissertação de Kierkegaard introduzirá o tema do humor<sup>8</sup> e fará sua comparação com a ironia, tratada nas duas partes do seu trabalho, ainda que não o desenvolva em plenitude:

Na medida, enfim, que a questão pudesse ser a da ‘validade eterna’ da ironia, aí esta questão só poderia encontrar sua resposta quando se entrasse no terreno do humor. *Humor* contém um ceticismo muito mais profundo do que a ironia; pois nele tudo gira não mais ao redor da finitude, e sim da pecabilidade; o ceticismo do humor se relaciona com a ironia da mesma maneira que a ignorância se relaciona com a antiga proposição: *credo quia absurdum* (creio porque é absurdo); mas o humor contém também uma positividade muito mais profunda, pois ele se movimenta não em determinações humanas, mas sim teantrópicas (*i theanthropiske Bestemmelser*), ele não se contenta com fazer do homem um homem, mas quer fazer do homem um homem-deus. Entretanto, tudo isto se situa para além dos limites desta investigação...” (Kierkegaard, 1991, p. 280).

É instigante perceber que Kierkegaard vê no humor um ceticismo profundo. Avaliamos que tal tese bem poderia ser discutida lado a lado com muitos dos argumentos expostos, por exemplo, em obras como *Migalhas filosóficas* (1844), *Pós-escrito às Migalhas filosóficas* (1846), *A Doença para a Morte* (1849), *Deve-se duvidar de tudo* (1842), além, é claro, dos célebres *Diários*, onde tudo isso aparece fortemente. A relação do ceticismo com a crença e a descrença é uma das mais ricas discussões filosóficas e, certamente, percebemos no final da dissertação apenas o seu nascedouro nos primeiros passos do jovem filósofo. Em outras palavras, tais questões o acompanharão por toda a sua trajetória intelectual.

<sup>8</sup> Há um célebre trabalho de John Lippitt para aqueles que se interessam em aprofundar no tema: Lippitt, J. *Humour and Irony in Kierkegaard's thought*. Palgrave Macmillan, London, 2000.

Notamos, no encerramento da dissertação, uma distinção entre a ironia e o humor. Nesse último é possível alguma positividade e, assim sendo, ele se aproxima e vai além do próprio homem. Com efeito, aproxima-se da relação do homem com Deus. Portanto, ele parece anteceder teses que serão expostas na obra *Prática do cristianismo* (1850) e, quem sabe, até flerta com *Temor e tremor* (1843). O humor também aponta para a pecabilidade. Tal tema será central na obra *O Conceito de angústia* (1844). Em outras palavras, vemos nessa obra acadêmica do jovem Kierkegaard o nascedouro de vários dos conceitos kierkegaardianos a serem desenvolvidos posteriormente. Ele termina a sua dissertação com clareza de que não foi capaz tratar do tema do humor, pois isso iria além da delimitação do seu objeto de pesquisa. Talvez, ele pudesse concluir concordando com George Minois que nos diz: “o humor é, assim, via de acesso à seriedade absoluta, Deus” (Minois, 2003, p. 514).

## REFERÊNCIAS

KIERKEGAARD, S.A. **O Conceito de angústia**, Vozes, Petrópolis, 2010.

KIERKEGAARD, S.A. **O Conceito de ironia constantemente referido a Sócrates**, Vozes, Petrópolis, 1991.

MINOIS, G. **História do Riso e do Escárnio**, Unesp, São Paulo, 2003.

STEWART, J. **Søren Kierkegaard, subjetividade, ironia e crise da modernidade**, Vozes, Petrópolis, 2017.

VOLPI, F. **O niilismo**, Loyola, São Paulo, 1999.

VARGAS, J. S. **Vários modos de se dizer o nada : as figuras niilistas de Kierkegaard entre a filosofia e a literatura**. <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/50239> . Tese de Doutorado em Filosofia – UFMG, Belo Horizonte, 2021. Acessado em 23.08.2024.